



Alejo Carpentier e as ruínas dos passos perdidos: as cidades e o sujeito na narrativa carpentieriana

Amanda Brandão Araújo Moreno (UFPE)

Alejo Carpentier é um dos escritores que se destacam na narrativa hispanoamericana a partir do século XX por ter somado seus esforços aos daqueles que produziram um intento diferenciado de falar sobre a América Latina. Sua narrativa expressa essa necessidade desde a escolha da linguagem, barroca, à seleção de espaços e temas, unindo o local ao universal. Em “Os passos perdidos”, lançado em 1953, o autor cubano traz a história de um musicólogo que sai da cidade grande e parte numa empreitada à selva venezuelana para coletar instrumentos musicais antigos para integrar o acervo de uma universidade. O transcurso da viagem é um espaço de (re)encontros. Neste trabalho, abordaremos o texto carpentieriano a partir da ideia de ruína. Entenderemos aqui ruína de forma ampla, uma ideia que se estende do conceito da Antiguidade Clássica e se espalha para as velhas e novas cidades, os monumentos, os vazios e os silêncios da história e da memória que as ruínas articulam, metaforizam e revivem no agora, reavaliando o que já passou. No contexto da narrativa em questão, deteremos nosso olhar sobre algumas ruínas específicas, a saber: a cidade grande enquanto ruína; a excolônia enquanto ruína, a ruína de um modelo político e de uma pseudo intelectualidade, a ruína como retomada da ancestralidade e, por fim, a ruína do protagonista.

